

“SINHÁ SECADA”: O RODEAR DE “INFINIDADE E FALTA”  
NA DÍADE MÃE/FILHO

“SINHA SECADA”: THE SURROUNDING OF “INFINITY AND LACK”  
IN THE PAIR MOTHER/SON

Adilson dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em “Sinhá Secada”, conto presente no volume *Tutaméia (Terceiras Estórias)* (1967), de João Guimarães Rosa (1908-1967), o tema do duplo é encenado na cisão mãe/filho. Por ter sido “supostamente” uma vez infiel ao marido, tomam-lhe a criança. Esta falta será jamais preenchida na jovem mãe. Enquanto gerava o filho, a protagonista vivenciara a experiência do próprio corpo e, concomitantemente, do próprio ser desdobrar-se. Ao levarem-lhe o filho – o *outro* –, metaforicamente, retiram-lhe a alma, fazendo-a secar externa e internamente. A cura somente se realiza vários anos depois, com o aparecimento de um rapaz que também vivenciara a mesma sorte – a falta do *outro* representada pela figura da mãe.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Guimarães Rosa; Conto; Duplo.

**ABSTRACT:** In “Sinhá Secada”, a short story included in *Tutaméia (Terceiras Estórias)* (1967), by João Guimarães Rosa (1908-1967), the theme of the double is present in the split mother/son. Due to the fact of having been “supposedly” once unfaithful to her husband, they take her child away. This lack will never be filled in the young mother. During the pregnancy, she deeply lived the experience of having her own body and, concomitantly, her own being been split up. When they take her child away – the *other* –, metaphorically, they withdraw her soul, making her dry in and out. The cure only comes several years later, with the appearance of a boy who had suffered the same fate – the lack of the *other* represented by the figure of the mother.

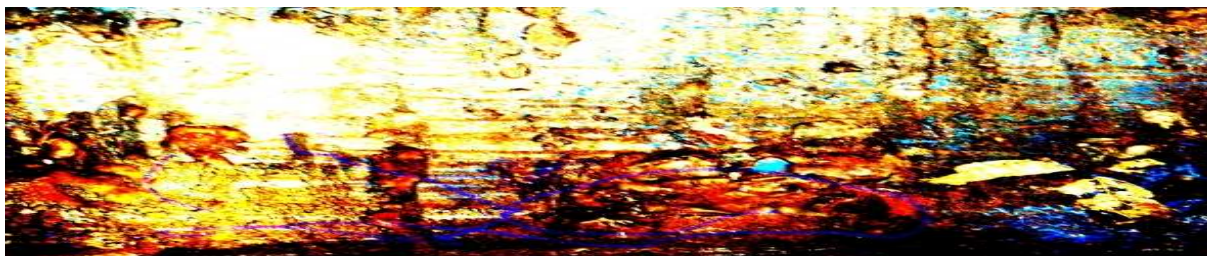
**KEY-WORDS:** João Guimarães Rosa; Short story; Double.

O conto “Sinhá Secada” trata da trágica estória de uma mulher a quem deram “esquecimento” (ROSA, 1985, p. 159)<sup>2</sup>, ou melhor, de alguém que, “apartada [de todos], entrava no mundo pelo fundo, sem notícias nem lembranças” (p. 161). A personagem que dá título à narrativa, mas que não possui um nome próprio, certa vez, “procedera mal” (p. 159) aos olhos do marido e da comunidade local, violara a ordem estabelecida, e esta atitude acarretou-lhe marcas indeléveis. O alto preço pago pelo erro abriu uma ferida no mais profundo de seu ser, sangrando por anos a fio – mais precisamente, até a aproximação da morte.

Se, já em vida, a protagonista fora banida da memória local, seria de se esperar que, após sua morte, tudo o que dissesse respeito à sua figura estaria consigo enterrado de uma vez por

<sup>1</sup> Doutor em Letras e professor de Teoria da Literatura / Literatura Brasileira na Universidade de Londrina, PR.

<sup>2</sup> As demais citações serão limitadas ao número da página.



todas. Contudo, não é o que se constata no conto. “Sinhá Secada” caracteriza-se justamente como uma narrativa de reabilitação de sua imagem. Como se fosse um advogado de defesa, o narrador retomará a estória da desprezada personagem, recorrerá da dura sentença que a vida lhe deu e tecerá todo o seu discurso em prol do resgate dela.

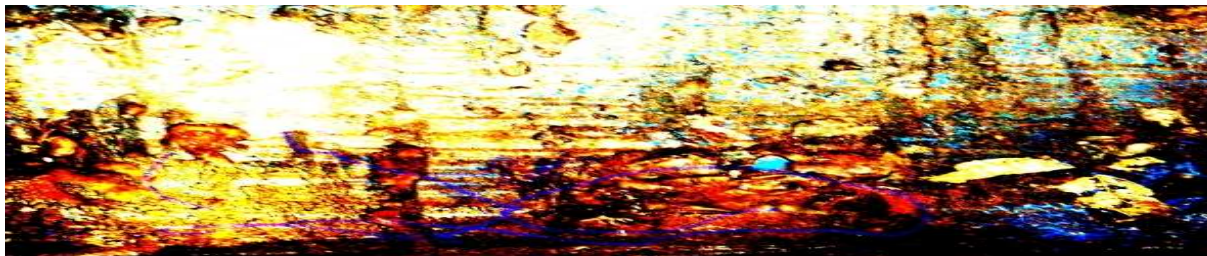
Embora faça uso do coletivo “a gente” (p. 159), constata-se que este narrador não fora uma testemunha ocular dos fatos, nem mesmo fala em nome da população local. Tudo o que sabe acerca da personagem Sinhá obteve através do depoimento de outra personagem: “a boa preta Quibia. [...] Sobre os anos, foi pois quem dela pôde testemunhar o verossímil” (p. 160). Lê-se no conto que “Só a Quibia vigiava-lhe a sombra e o sono. Donde o coligido – de relato – o que de suas escassas frases razoáveis se deduz” (p. 160). Será, portanto, com base nos fatos por ela comunicados, porém, postos numa ordem por ele estabelecida, que se dará a narrativa de “Sinhá Secada”.

Assim que se depara com as primeiras linhas do conto, o leitor é levado, de imediato, a visualizar uma cena brutal:

Vieram tomar o menino da Senhora. Séria, mãe, moça dos olhos grandes, nem sequer era formosa; o filho, abaixo de ano, requeria seus afagos. Não deviam cumprir essa ação, para o marido, homem forçoso. Ela procedera mal, ele estava do lado da honra. Chegavam pelo mandado inconcebíveis pessoas diversas, pegaram em braços o inocente, a Senhora inda fez menção de entregar algum ter, mas a mulher da cara corpulenta não consentiu; depois andaram a fora, na satisfação da presteza, dita nenhuma desculpa ou palavra (p. 159).

Conforme assinala o trecho transcrito, através da linguagem dinâmica do narrador, o leitor é colocado, de maneira inesperada, diante do acontecimento que mudará a vida da personagem: a abrupta e fatal separação do filho. É como se leitor e personagem se defrontassem com a mesma situação e ao mesmo tempo. Note-se que a utilização de verbos na terceira pessoa do plural – “vieram”, “não deviam”, “chegavam”, “pegaram”, “andaram” – e a falta de conexão entre as orações conferem ao discurso a idéia de rapidez e violência com que as ações foram praticadas. Além disso, o emprego do sujeito indeterminado, o anonimato das citadas “inconcebíveis pessoas diversas” (p. 159) que invadem a casa e a ausência total de explicação – “dita nenhuma desculpa ou palavra” (p. 159) – ajudam a compor uma atmosfera de indefinição em torno dos fatos que antecedem a perda da criança.

Em “Sinhá Secada”, dois tipos de justiça se farão presentes: a humana e a divina. A primeira, logo no início do conto, irá reparar a suposta “honra” (p. 159) do pai. A segunda, já no

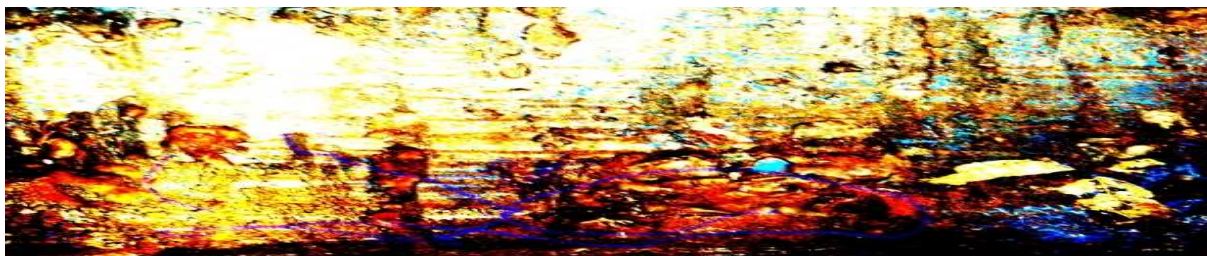


final, a “dor” (p. 159) da mãe. No que diz respeito à justiça humana, verifica-se que a mesma está baseada nas regras que regem um mundo marcadamente patriarcal. Neste mundo, as relações masculinas prevalecem sobre as femininas. Seja enquanto pai, seja enquanto marido, o homem é o direcionador das decisões. À mulher não resta outra opção senão, sob a mais dura tirania masculina, ser educada para se tornar uma “Senhora”, isto é, “dona-de-casa”, “patroa”, a fiel “mulher” do “senhor”. Cabe salientar que o próprio narrador se refere ao marido da personagem como um “homem forçoso” (p. 159), o que evidencia a idéia de autoritarismo.

Desse modo, considerando o fato de que o mais forte aniquila o mais fraco, Sinhá sucumbirá à rígida moral patriarcal: “Ela procedera mal, ele estava do lado da honra” (p. 159). Maculado o nome da família, sob força de lei, ver-se-á obrigada a entregar ao marido o bebê de poucos meses. Para expressar o cumprimento desta justiça, o narrador lançará mão de palavras e expressões próprias do universo do direito, tais como: “cumprir essa ação” (p. 159), “mandado” (p. 159) e “escritas injustiças sem medida nem remédio” (p. 159). Neste último exemplo, embora possa soar um tanto estranho, “remédio” é termo jurídico e quer dizer “medida que repara um dano ou restabelece relação jurídica interrompida” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 2424).

Perfeitamente ajustada aos moldes patriarcais, Sinhá não reagirá frente ao ocorrido. Recusará à defesa, pois sabe que, neste tipo de sociedade, a mulher não tem voz nem vez. Se quiser ser ouvida, deverá fazê-lo entre seus pares e, ainda assim, com grande possibilidade de insucesso. Não é de se estranhar que somente a boa preta Quibia se coloque ao seu lado: “Quibia, sim, não duvidou, ainda que ouvida a pergunta que a Sinhá se propunha: quando, em que apontada ocasião, cometera culpa? E a resposta - de que, então, só se tivesse procedido mal, a cada instante, a vida inteira...” (p. 161).

Como se pode observar, nada é claramente exposto no texto. Confrontando-se a resposta da Sinhá com o subentendido adultério, fica difícil para o leitor determinar a real culpabilidade da personagem. Outro aspecto que também estabelece um contraponto em relação à alegação do marido e ajuda a confundir ainda mais é o tratamento cortês que lhe é dispensado pelo narrador. Os predicados “Senhora”, “séria” e “mãe” (p. 159), com os quais é caracterizada, não condizem com uma pessoa acusada de infidelidade. De qualquer forma, independentemente de qual lado esteja com a razão, o narrador não se deterá na questão da “honra”, mas no ato desumano de separar uma mãe de seu filho e suas graves conseqüências para ambos os seres. Será exatamente a partir deste ato que ele conduzirá todo o relato. É o que se lê no final do segundo parágrafo: “Do jeito, o fato se endereçou, começador, no certo dia” (p. 159).



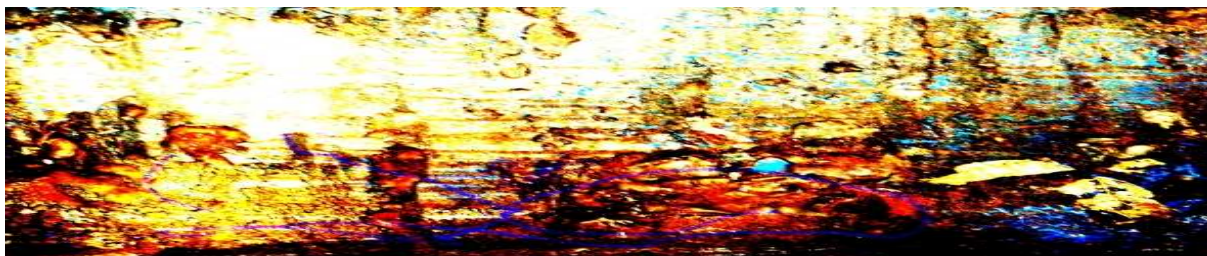
Logo que a criança fora levada, “muitos entravam na casa [...]. Cuidavam escutar soluço, do qual mesmo não se percebendo noção” (p. 159). Do mesmo modo que o narrador, parte dos vizinhos fica indignada com a ação do marido. Para eles, a personagem deveria ter demonstrado forte resistência, “igual onça invencível; queriam não aprovar o desamparo comum, nem ponderar o medo do mundo, da rua constante e triste” (p. 159). No entanto, “sentada”, Sinhá “se sucedia, nas veras da alma, enfim enquanto repicada de tremor. Iam lhe dar água e conselhos; ela nem ouvia, inteiramente, por não se descravar de assustada dor. [...] Ela continha na mão lembrança de criança, a chupeta seca” (p. 159).

Na vida daquela que era tida por “Senhora” acontece uma mudança radical. De acordo com o narrador, sua casa fica “devastada de dono” (p. 159), ou seja, sem a assistência do “venerável” patriarca. Nesse sentido, além da perda maior do filho, ela também perde o abrigo do lar, a posição doméstica, o nome adquirido na união conjugal e a respeitabilidade outorgada por tais elementos. Em outras palavras, com a dissolução da família, que era o centro do seu universo, ela se vê abandonada à própria sorte. Segundo o relato, num intervalo de apenas dois ou três dias, a personagem tomará “o aspeto pobre demais, somente sem erguer nem arriar rosto” (p. 160). Tornar-se-á o espectro de si mesma, “a sã clara coisa extraordinária – o contrário da loucura” (p. 160).

Já na manhã seguinte ao “desalmoso dia” (p. 162), “sem trouxa de roupa” (p. 159-160) e com “um pé descalço” (p. 160), Sinhá parte numa viagem de destino incerto. Perante boa parte do lugarejo, especialmente entre as mulheres, ela sai totalmente desmoralizada. Entre elas, a personagem deixa de ser a “Senhora” e passa a ser encarada como “aquela” (p. 159). Dão prova disso os comentários que circulam pelo lugar logo após o seu desaparecimento: “Recitavam vozes: que numa prancha<sup>3</sup> do trem-de-lastro tinham-lhe cedido viagem, para por aí ir vadiar, mediante algum mau amor” (p. 159). Todavia, assumindo sua defesa, o narrador, sem tardança, contesta e desfaz tais calúnias: “Entanto errados. Ela apenas instricta obediente se movera, a variável rumo, ao que não se entende” (p. 160).

Em “Sinhá Secada”, nota-se que, ironicamente, são as próprias mulheres do lugarejo que preservam e sustentam a rígida moral patriarcal. Diz o narrador que, “por conta de tudo, mães contemplavam” “suas arregaladas filhas”, “expostas ao adiante viver” e, “como o fogo apura e amedronta”, puniam-nas, de antemão, “por possíveis airadas leviandades mais tarde” (p. 159-

<sup>3</sup> “Vagão ferroviário aberto de todos os lados, essencialmente reduzido ao seu estrado, e destinado ao transporte de automóveis, caminhões e cargas volumosas indivisíveis” (Ferreira, 1999, p. 1621).

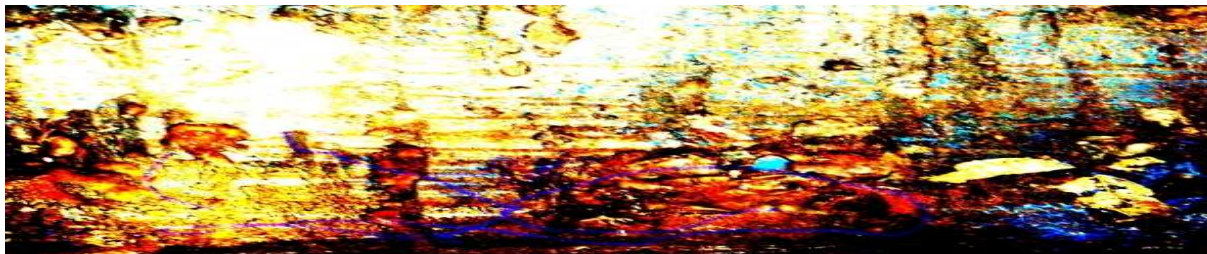


160). Reprimindo-as por antecipação, tais mães procuravam preservá-las da “vala da amargura” (p. 159), na qual a personagem Sinhá se resvalara, e, ao mesmo tempo, livrar-se do vexame que um acontecimento desta natureza, bem no seio de sua família, poderia lhes causar. Em sua defesa pela ordem vigente, estas mesmas mulheres julgam e condenam Sinhá a cair no rol dos esquecidos. Desde então, “dela não se informavam; dera-lhes esquecimento” (p. 160).

Assim que deixa o lar, totalmente desnorteada e desalinhada, a ex-Senhora vaga pelas ruas até chegar à estação de trem. Lá, demonstrando estar ainda cravada em “assustada dor” (p. 159), externa em gestos a maternidade cruelmente interrompida: “Encostava no ventre o frio das palmas das mãos. Por isso com respeito a viu e ofereceu-lhe meio copo de cerveja e um pastel de tabuleiro a Quibia, do Curvelo, às vezes adivinhadora. - “*Sinhá...*” - sentiu que assim cabia chamar-lhe, ajeitando-lhe o vestido e os cabelos” (p. 160). Apiedando-se dela, Quibia a convida para, juntas, irem visitar sua filha. Compra-lhe passagem e ambas embarcam numa viagem rumo “aquele intato lugar” (p. 160).

Em nova terra, Sinhá passa a morar com a boa preta, que a acolhe como se fosse um membro da família e lhe arranja um emprego na fábrica de tecidos de Marzagão – onde será considerada “a operária exemplar que houve, comparável às máquinas, polias e teares, ou com o enxuto tecido que ali se produz” (p. 160). Como se pode ver, em ambas as situações, a personagem experimenta uma nova realidade. Primeiramente, através da nova residência que, provavelmente, destoa daquela que tinha em Curvelo. Segundo consta, ambas as mulheres “moraram numa daquelas [decadentes] miúdas casas pintadas, pegada uma a outra, que nem degraus da rua em ladeira, que a Sinhá descia e subia, às horas certas, devidamente” (p. 160). Em segundo lugar, por meio da dura necessidade do trabalho para sobreviver. Agora, a ex-patroa “servia” (p. 160).

Apesar do amparo da preta Quibia, Sinhá não revela à amiga a causa de seu sofrimento: “No filho, no havido menino, vez nenhuma falou [...] – feito guardado em cofre” (p. 161). Entretanto, a desordem interior causada pelo afastamento da criança continua a se fazer fortemente sentir. Conforme sublinha o narrador: “O menino sempre ausente rodeava-a de infinidade e falta” (p. 160). Por sinal, tal falta será jamais preenchida na jovem Sinhá. De acordo com Cleusa Rios Pinheiro Passos, “mãe, ela contivera o filho em seu interior, vivendo a experiência única – e ilusória – do corpo ‘pleno’, a sensação do duplo que se desdobra, posteriormente, jamais se tornando estranho. Perdido o corpo da criança, metaforicamente o seu também se desfaz” (2000, p. 95). Daí o contínuo sentimento de “vazio, contrário à ‘plenitude’ da



maternidade, capturado pelo definhamento [...] e ‘a sombra’ [...], índice de um corpo que mal se esboça por meio de contornos isolados e obscuros” (2000, p. 95).

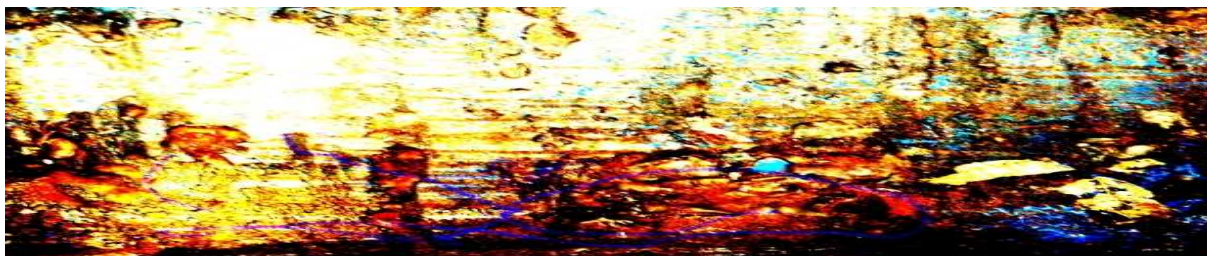
Comentando ainda sobre a permanente sensação de falta, a autora acrescenta que,

da perspectiva psicanalítica, a personagem parece *preservar* o período simbólico em que se inaugura a relação dual entre ela e o filho: a fase do espelho. Arrebatado “abaixo de ano” e requerendo “afagos” maternos, a retirada do menino põe em relevo essa fase em que se instaura o primeiro tempo da relação edípica. Para Sinhá, o corpo fragmentado do filho passa a constituir-se objeto predominante de seu desejo. Identificar-se a ele significa configurar-se igualmente fragmentada; resguardar o instante da perda implica *viver* outra: a da (ilusória) unidade, buscada por todos (2000, p. 95).

Em termos menos psicanalíticos, poder-se-ia também dizer que a perda do filho equivaleria para a jovem mãe à perda da própria alma. Esta suposição teria como fundamento a crença segundo a qual a imagem de um indivíduo projetada na superfície do espelho constituiria o símbolo material de sua alma. O próprio texto permite que se formule esta hipótese. Diz o narrador que Sinhá, “durante um tal tempo, nunca mais se olhara em espelho” (p. 161) – uma atitude que, a nosso ver, seria motivada justamente pela angústia de ver-se confrontada com a falta de reflexo.

Sem alma, Sinhá torna-se praticamente um cadáver em vida. Como tal, seu corpo deixa de ter apetites e necessidades. Por isso, rejeita a comida, não tem ânimo para agir e perde a sensualidade feminina. Textualmente, confirma-se que a personagem “quase nem comia, rejeitava o gosto das coisas; dormia como as aves desempoleiradas” (p. 160). Conforme adiantado pelas colocações de Cleusa Rios Pinheiro Passos, Sinhá vai definhando a olhos vistos. Há no conto três passagens que comprovam esta afirmação. Elas descrevem o corpo da personagem como se o mesmo estivesse quase que sem vida. São elas: “Encostava no ventre o *frio das palmas das mãos*” (p. 159, grifo nosso); “Seus olhos iam-se empanando encardidos, ralos os cabelos” (p. 161); e “Seu *esqueleto* era quase belo, delicado” (p. 162, grifo nosso). Segundo o narrador, antes mesmo de sofrer as penalidades pelo suposto adultério, a protagonista já “nem sequer era formosa” (p. 159). Agora, tendo sofrido toda esta transformação, passa categoricamente despercebida ao olhar cobiçoso dos homens. É o que se constata no seguinte trecho: “Deixavam-na em paz, por nela não reparar, até os homens” (p. 160).

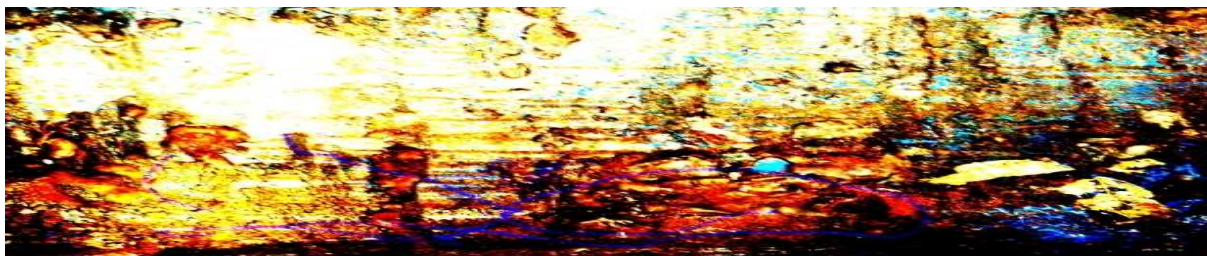
Em todas as situações da vida de Sinhá, a idéia de morte parece irromper com força total. Posta em isolamento tanto por vontade própria quanto alheia e indiferente a tudo e a todos, a



personagem tão-somente “queria nada: não esperar; adiar de ser” (p. 160). Com este propósito, primeiramente, ela renuncia a comunicação com o mundo e fecha-se num silêncio quase que absoluto. Tal como afirma o narrador, “não falava, a não ser o preciso diário” (p. 160), o que não passava de “escassas frases” (p. 160). Em segundo lugar, “deixara de pensar, o que mesmo nem suportasse – hoje se sabe – ao toque de cada idéia em imagem seu coração era mais pequeno” (p. 160).

Desse modo, desistida de ser, Sinhá se entrega a um cotidiano mecânico e letal. Como vimos, é dela o contínuo movimento de descer e subir os “degraus da rua em ladeira, [...] às horas certas” (p. 160), para cumprir a jornada de trabalho. Em consonância com sua condição de indivíduo destituído de alma – “o que semelhava causada morte” (p. 160) –, a maquinal personagem vive como se estivesse à parte do tempo, “ladeando”-o (p. 160). Este lhe fora arrancado no exato instante em que lhe levaram o filho. A partir de então, “os dias, os meses, por dentro, em seu limpo espírito, se afastavam iguais” (p. 161). É por essa razão que “nem um ingrato minuto da arrancada separação poderiam restituir-lhe!” (p. 160-161). Sua ferida jamais cicatrizará, pois, como ensina a sabedoria popular, “só o tempo é capaz de curar todas as feridas”.

Considerando tais apontamentos, compreende-se o título atribuído à narrativa. Embora, em nenhum momento do relato, o narrador se refira à Sinhá como “Secada”, é possível deduzir o signo através da trajetória de definhamento/secagem (concretamente “física” e figuradamente “interior”) da personagem. Nota-se que o “seco” perpassa todo o conto. Já no início, quando levam a criança, esta deixa “a chupeta seca” (p. 159) – objeto intimamente relacionado ao seio materno que, impedido de alimentar, igualmente secará. A partir daí, privada da companhia do filho, Sinhá vai se tornando cada vez mais “Secada”. Presa “no circuito do silêncio” (p. 161), seus pensamentos murcham e suas vontades desidratam-se. O corpo, impregnado pela tristeza, seca a tal ponto que ela se torna “comparável às máquinas, polias e teares, ou com o *enxuto* tecido que [...] se produz” (p. 160, grifo nosso) na fábrica de Marzagão. Sendo uma operária diligente, ela provavelmente obtém ganhos maiores. Contudo, dela tiram até mesmo o salário: “Tomava-lhe a filha casada da Quibia, por empréstimos, quase todo o ordenado, já que a ninguém ela nada recusava” (p. 160). Por último, perdida toda a seiva e apartada do mundo, ela passa o tempo “acarinhando pedaço de pedra, sem graça, áspera, que trouxera para casa” (p. 161) e que funciona como “substituta do ‘meninozinho’ e objeto funcional à exteriorização de seu afeto, entorpecido desde a brusca separação” (PASSOS, 2000, p. 100).



Por não conhecê-la, a nova comunidade se escandaliza com a sua maneira atípica de ser. Aqui, tal qual acontecera em Curvelo, Sinhá é tratada com indiferença: “Decerto não a prezavam, em geral, portanto; junto dela pareciam urgidos de cuspir e se gabar. Ora a suspeitassem mulher inteligente endurecida, socapa de perfeita humildade” (p. 161). No entanto, apesar de o lugarejo tê-la posto à margem, passados alguns anos, “tiveram de notar. Ela se esparzia, deveras dona, os olhos em espécie: de perto ou de longe, instruía-os, de um arejo, do que nem se sabe” (p. 161). Este singular e inexpressável brilho nos olhos da personagem perdura até o dia em que aparece um moço distinto à procura do “paradeiro de sua mãe, da qual também malvadamente separado desde meninozinho” (p. 161).

“Seria ela?! Não” (p. 162), tudo não passou de uma enganosa coincidência. Conferindo-se “nomes e fatos”, constatou-se que “o moreno moço” era “de outro lugar, outra sumida mãe, outra idade” (p. 162). Não obstante as expectativas frustradas, o inesperado acontecimento tira Sinhá do estado de apatia e nova transformação ocorre. Segundo o narrador, ela, que tudo recebera sentada e “calada, leve se levantou, caminhou para aquele, abençoando-o, pegou a mão do tristonho moço, real, agora assim mesmo um tanto conformado. Sorria, a Sinhá, como nunca a tinham avistado até ali, semelhava a boneca de brincar de algum menino enorme” (p. 162).

O aparecimento do rapaz leva a personagem a revisitar o passado pela última vez e, nesta derradeira retomada, ela é curada interiormente. Mesmo não sendo a criança da qual nunca mais tivera notícias e pela qual tanto ansiara reencontrar, o “moreno moço” vivera o mesmo drama de seu filho. É precisamente em função desta identidade entre ambos os casos que ela consegue vislumbrar na face do jovem a face do filho perdido. Além disso, tanto a Sinhá quanto o rapaz são peças que, de certo modo, se encaixam e se compensam: ela, uma “sumida mãe”, que vive a falta do *outro* representada pela figura do filho; ele, por sua vez, um filho perdido que vive a falta do *outro* representada pela figura da mãe.

Com efeito, verifica-se, no conto, que um personagem transfere para o outro o afeto duramente guardado. Nesse sentido, aquilo que poderia ser considerado um desencontro é, na realidade, feito encontro. No gesto de Sinhá para com o “moreno moço”, vê-se manifestar o sentimento de amor e doação materna que faz calar o coração do jovem. Já no que se refere ao rapaz, diz o narrador que, além da “indicação” obtida por meio de “contadas conversas” (p. 161-162), ele sentira “o coração para cá intimado o puxando...” (p. 162). De fato, “só o amor dando-se o mesmo, vem a ser, que o atraíra de vir, não por esmo” (p. 162). Ainda que, em sua incansável busca, não tenha encontrado a “sumida mãe”, ele também transmite à Sinhá o seu amor filial e





ela o recebe como se fosse uma dádiva. Assim dito, pode-se afirmar que, ao defrontar-se com o *outro*, cada um dos personagens descobre-se a si mesmo. Como se observa, o resultado é a dissolução do sentimento de vazio, ou melhor, a reconciliação interna de ambos os seres.

A partir deste momento, Sinhá deixa de “adiar de ser” (p. 160) e ressurge para a vida. Embora por pouquíssimo tempo, um intenso sentimento de felicidade apodera-se da personagem e ela pode, então, morrer em paz. Conforme se lê, “nesse favor de alegria [a Sinhá] persistiu, todos exaltando o forte caso. Seja que por encurtado prazo. Até ao amanhecer sem dia” (p. 162), quando, “fechou, final, os novos olhos” (p. 162). Todavia, antes de partir, ela rompe o silêncio e relata à Quíbia toda a causa de seu sofrimento. Assim, curiosamente no dia seguinte ao subir da “ladeira, a quentes passos” (p. 161), do suposto filho, a personagem a desce pela última vez. Agora, porém, já não mais enquanto “Sinhá Secada”, mas, conforme notado e destacado pela boa preta, transfigurada na “- *Sinhá Sarada...*” (p. 162).

Em conformidade com este novo estado, observa-se, no enterro da personagem, a reunião de três elementos de forte carga simbólica: flores, terra e chuva. De acordo com o narrador, “o caixão saiu, devagar desceu a ladeira, beirou o ribeirão rude de espumas em lajedos, e em prestes cova se depositou, com flores, com terra que a chuvinha de abril amaciava” (p. 162). Como se pode notar, o modo como o sepultamento ocorre leva-nos a identificar não apenas a ação humana, mas, igualmente, a graça divina. No que diz respeito à primeira, o corpo corruptível de Sinhá é conduzido e devolvido, pelas mãos da população, ao colo materno da terra-mãe. Já no que tange à segunda, em função das “virtudes da alma” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1997, p. 437) da personagem, claramente ilustradas pela simbologia das “flores”, Sinhá é revivificada em espírito. Concorrendo também para esta idéia de revivescência, está a figura da chuva, que “é universalmente considerada o símbolo das influências celestes recebidas pela terra” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1997, p. 235).

A propósito, pode-se dizer que é exatamente a água da chuva, considerada aqui como “fonte de vida, meio de purificação” e “centro de regenerescência” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1997, p. 15), que fecunda, de uma vez por todas, a alma ressequida da personagem. Assim como o “seco” e a idéia de morte a ele ligada impregnam a narrativa, o “líquido”, enquanto metáfora textual da vida, também se faz presente. Como vimos, com a perda do filho, Sinhá secou interna e externamente. Percebendo esta situação, algumas pessoas tentaram reverter o quadro. Já no início do conto, tão logo levam o bebê, os vizinhos solidários procuram “lhe dar água” (p. 159) para o corpo e “conselhos” (p. 159) para a alma. Porém, “ela



nem ouvia, inteiramente, por não se descravar de assustada dor” (p. 159). Quando a preta Quibia a encontra na estação de trem, também procura revivê-la, oferecendo-lhe “meio copo de cerveja” (p. 160). Entretanto, o quadro de seqüidão tende a permanecer por quase todo o relato. É somente ao final da narrativa que acontece a efetiva transformação da secura em pulsação de vida. Neste momento, Sinhá não corre mais o perigo de perder a umidade, pois, completamente reparada pela água da chuva, seu corpo jaz próximo a um ribeirão.

Depositada neste solo especial, a protagonista irá renascer em outro plano, o espiritual. Levando-se em conta todo o processo de despojamento por ela vivido, tal passagem terá, pois, o sentido de um coroamento. Conforme demonstrado no decorrer desta análise, independentemente de ter errado ou não, a acusação de adultério levou a personagem a ser simbólica e publicamente “apedrejada”. Numa clara alusão ao episódio da mulher adúltera, relatado pelo evangelista São João (8, 1-11), Sinhá trazia sempre consigo uma “pedra, sem graça, áspera”, a qual “passava espaços [...] acarinhando” (p. 161). No texto bíblico, objetivando pôr Jesus à prova, os escribas e os fariseus trouxeram-lhe certa mulher, surpreendida em adultério, e o indagaram sobre o que deveria ser feito dela, uma vez que, na Lei, Moisés os ordenava a apedrejar tais mulheres. Para mostrar-lhes que a pessoa humana está acima de qualquer lei e que não se deve julgar e condenar a ninguém, Jesus lhes disse: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!” (Jo 8, 7). Como nenhum deles estava isento de culpa, saíram um após outro, deixando-a sozinha com Jesus, que a perdoou. Diferentemente do texto bíblico, no conto rosiano, Sinhá não mereceu misericórdia e foi cruelmente punida pela lei patriarcal.

Culpada ou não de ter fugido ao comportamento esperado, ela não manifestou revolta e, humildemente, assumiu o pesado castigo. À custa de muito sofrimento, Sinhá percorreu um longo caminho de expiação. Abandonada à própria sorte, partiu sem rumo, renunciou a comunicação, o pensamento, a alimentação, o dinheiro, o conforto de um leito e viveu à margem do tempo. A ferida aberta pela retirada do filho a fez descer aos profundos abismos da dor. Através deste processo, a personagem atingiu a redenção e acabou santificada. Como a justiça divina tarda, mas não falha – pelo menos isto é o que diz a sabedoria popular –, no limiar da morte, ela obteve o reparo de sua dor. No encontro com o possível filho, a vida lhe concedeu um intenso e regenerador “favor de alegria” (p. 162), que a converteu na “Sinhá Sarada”.

Para expressar a presença do sagrado a percorrer o conto e a promover o consolo final para o seu amor de mãe, o narrador, do mesmo modo com que fizera em relação ao cumprimento da lei humana, também se utilizou de termos e expressões próprios deste universo,

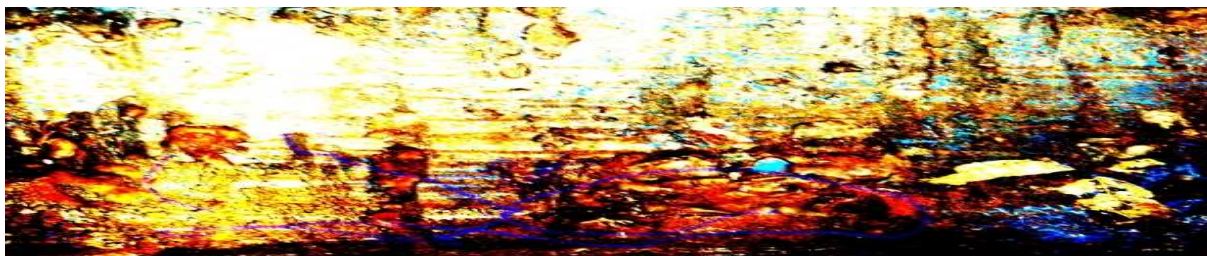


a saber: “o inocente” (p. 159), “nas veras da alma” (p. 159), “com dúvida de Deus” (p. 159), “limpo espírito” (p. 160), “ao pôr-lhe a vela na mão” (p. 161), “- *‘Se ela viesse mais à igreja, havia de ser uma Santa...’*” (p. 161), “abençoando-o” (p. 162), “Anjinho” (p. 162) e “desalmoso dia” (p. 162).

Ainda com relação à idéia do divino, constata-se, em “Sinhá Secada”, que não apenas a protagonista ascende à esfera do transcendente por meio do sofrimento, mas, igualmente, “o filho, [que] abaixo de ano, requeria seus afagos” (p. 159). Depois do enterro, decidida a investigar os fatos e a empreender pesquisa sobre o paradeiro do menino, Quibia retorna à Curvelo e descobre que ele morrera logo após a separação da mãe. A falta e a inacessibilidade do corpo da Sinhá a alimentá-lo, aquecê-lo e acariciá-lo o atingiram profundamente. Segundo as informações obtidas, a criança “nem chegara a andar nem falar, adoecido logo no depois do desalmoso dia, dos esforços arrebatados” (p. 162). Morrendo “inocente” (p. 159), em estado de extrema pureza, tornou-se um “anjinho” (p. 162).

Assim sendo, tendo ambos, mãe e filho, encontrado o mesmo destino e renascido num plano superior, deduz-se que o amor, impossibilitado de se realizar no plano humano, tenha se concretizado na esfera sobrenatural. Neste momento, porém, já não mais simplesmente entre a mãe e o filho, mas entre a “santa” e o “anjinho”. Diga-se a propósito, talvez seja justamente por reconhecer este reencontro especial que a amiga Quibia, após realizar sua investigação, tenha se curvado para beijar a terra-mãe que, mais uma vez, os acolhera em seu ventre: “Quibia relanceou – o passado, de repente movente, sem desperdícios. Se curvou, beijando ali mesmo o chão, e reconhecendo: – *‘Sinhá Sarada...’*” (p. 162).

Conforme evidenciado no decurso deste estudo, a boa preta Quibia manteve-se ao lado da protagonista por praticamente toda a narrativa e a serviu como se fosse uma dedicada ama de companhia. Vale lembrar que, desde o primeiro instante em que avistou a futura amiga na estação de trem, ela reconheceu a sua essência nobre, sentido, por isso, que deveria chamá-la “Sinhá”, que é precisamente a “forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou patroa” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 2580). Sempre fiel, Quibia conquistou a confiança da protagonista, que a tornou sua confidente nos momentos finais. O “muito” (p. 162) que lhe fora contado levou-a a remexer o passado da Senhora, o que lhe permitiu acumular certo número de informações. Assim, munida do que viu, ouviu e pesquisou e preocupada em restituir o respeito que lhe cabe, ela comunicou ao narrador o conteúdo de seu relato. Como se fosse uma espécie de advogado de defesa, a este último foi confiada a tarefa de recobrar e redimensionar a dispersa e



fragmentada estória da anônima protagonista, dando-lhe visibilidade, recorrendo da cruel sentença que a vida lhe deu e resgatando de maneira decisiva a sua desprezada e desmoralizada imagem – tarefa esta executada com êxito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1999.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera Costa e Silva et al. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- PASSOS, Cleusa Rios Pinheiros. **Guimarães Rosa: do feminino e suas estórias**. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2000.
- ROSA, João Guimarães. **Tutaméia (Terceiras Estórias)**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.